

EDUCAÇÃO E MUDANÇA EM PAULO FREIRE¹

Lucinéa dos Santos²

RESUMO

A proposta deste artigo visa discutir o tema da educação e da transformação social na perspectiva pedagógica proposta por Paulo Freire. Trata-se de um estudo bibliográfico, no qual se busca destacar pontos relevantes para a reflexão sobre a concepção crítica presente no pensamento do educador brasileiro, tendo como referência quatro ensaios do autor, *O compromisso do profissional com a sociedade; A educação e o processo de mudança social; O papel do trabalhador social no processo de mudança e Alfabetização de adultos e conscientização*; publicados em sua obra *Educação e Mudança* (1979). Textos escritos em espanhol e publicados em português no Brasil, quando Freire pôde enfim retornar ao país, após quinze anos de exílio, em razão da ditadura militar instaurada em março de 1964. Os resultados alcançados consistem nas reflexões sobre as obras e métodos de Paulo Freire que são de grande importância para a educação brasileira, sobretudo a alfabetização e educação de jovens e adultos.

Palavras-chave: alfabetização de adultos - Brasil; Freire, Paulo, 1921-1997. Educação e mudança - crítica e interpretação.

ABSTRACT

The purpose of this article aims to discuss the topic of education and social transformation from the pedagogical perspective proposed by Paulo Freire. This is a bibliographic study, which seeks to highlight relevant points for reflection on the critical conception present in the thinking of Brazilian educators, taking as reference four essays by the author, *The professional's commitment to society; Education and the process of social change; The role of the social worker in the process of change and Adult literacy and awareness*; published in his work *Education and Change* (1979). Texts written in Spanish and published in Portuguese in Brazil, when Freire was finally able to return to the country, after fifteen years of exile, due to the military dictatorship established in March 1964. The results achieved consist of reflections on the works and methods of Paulo Freire which are of great importance for Brazilian education, especially literacy and education for young people and adults.

Keywords: adult literacy - Brazil; Freire, Paulo, 1921-1997. Education and change - criticism and interpretation.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Licenciatura em Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Garcia Basso.

² Graduanda em Pedagogia pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é um estudo bibliográfico de quatro ensaios do educador brasileiro Paulo Freire, *O compromisso do profissional com a sociedade; A educação e o processo de mudança social; O papel do trabalhador social no processo de mudança e Alfabetização de adultos e conscientização* publicados no Brasil, pela primeira vez, em 1979, após o seu retorno ao país, depois de 15 anos de exílio político, imposto pelo regime militar instaurado em março de 1964. Os textos foram reunidos numa publicação intitulada *Educação e Mudança* (1979)³, que discute a educação e a alfabetização de adultos como uma prática cultural de transformação social, articulada a um processo de humanização dos sujeitos envolvidos no processo educativo, voltados para a emancipação política e a cidadania.

Trata-se de uma iniciativa de investigar nos textos estudados, a concepção de Freire abre seu último texto, *Alfabetização de adultos e conscientização* com uma frase afirmativa e categórica de que “nenhuma ação educativa pode prescindir de uma reflexão sobre o homem e de uma análise sobre suas condições culturais” (Freire, 1983, p. 61), mudança proposta por Paulo Freire, na sua perspectiva pedagógica-crítica. Uma análise que busca identificar aspectos em seus escritos, que delineiem a função social transformadora da educação como prática cultural e forma de ação política e social.

Freire defende uma prática docente que promova uma educação emancipatória, em que todos sejam capazes de entender e intervir na sua realidade, para serem agentes da sua própria História. Uma educação emancipadora decorrerá sempre de uma pedagogia crítica que seja capaz de fornecer instrumentos, para que todos possam se assumir como sujeitos políticos.

Para Paulo Freire, a educação deve ser uma experiência libertadora, “a libertação, por isto, é um parto. É um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos” (Freire, 1987, p. 35).

Talvez, ao lado da conscientização, o tema da mudança seja um “tema gerador” da prática teórica de Paulo Freire. “Como o tema da consciência, o tema da mudança acompanha todas as suas obras. A mudança de uma sociedade de oprimidos para uma sociedade de iguais

³ Os textos reunidos na primeira edição de *Educação e Mudança*, foram escritos em espanhol e traduzidos para o português por Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin. Publicados no Brasil, em 1979, ano do retorno de Paulo Freire ao país, após 15 anos de exílio, posteriormente foram incluídos em uma nova edição, *Ação cultural para a liberdade e outros escritos* (1981), juntamente com outros ensaios de Paulo Freire.

e o papel da educação – da conscientização – nesse processo de mudança é a preocupação básica da pedagogia de Paulo Freire” (Gadotti *apud* Freire, 1979, p. 4).

Este artigo está organizado em três partes, a primeira aborda a trajetória do autor, suas origens e formação, bem como seu percurso como educador e pensador brasileiro. A segunda destaca pontos dos dois primeiros ensaios do autor, centrando a análise na discussão da educação como mudança e processo de transformação. A terceira apresenta aspectos fundamentados nos dois últimos ensaios do livro, que tematizam os educadores como trabalhadores sociais e a alfabetização de adultos como agentes e agência de mudança e conscientização política e social.

2 TRAJETÓRIAS E PERCURSOS

Paulo Reglus Neves Freire, foi um educador que lutou por uma educação que incluísse a todos. Nasceu em 19 de setembro de 1921, na cidade de Recife, no bairro da Casa Amarela, filho de um oficial da Polícia Militar de Pernambuco, Joaquim Temístocles Freire e da dona de casa e bordadeira Edeltrudes Neves Freire, também chamada de Tudinha, era o quarto filho do casal, foi alfabetizado em sua casa com a ajuda de seus pais, desenhando letra e palavras no chão de terra.

Aos seis anos, adentrou na escola particular da educadora Eunice Vasconcelos, uma professora de dezessete anos que despertou em Paulo o gosto pela leitura, quando ele contava com seus 10 anos de idade, sua família decidiu mudar para a cidade de Jaboatão, município próximo da capital pernambucana, depois de completar seus 13 anos, seu pai falecera, isso contribuiu para que a vida da família passasse por grandes transtornos e modificações. Esse episódio, fez com que o início da trajetória escolar de Paulo Freire se atrasasse, sua entrada no antigo curso ginásial⁴ só ocorresse quando ele completara dezesseis anos, quando conseguira uma bolsa de estudos.

Acabou se doutorando em Filosofia e História da Educação, tornando-se um especialista em educação brasileira, sendo reconhecido no Brasil e no mundo, contemplado em seu percurso com vários títulos de *Doutor Honoris Causa*, em mais de quarenta universidades no Brasil e no exterior, por sua extensa produção escrita. Seu pensamento e sua

⁴ No Brasil, no sistema educacional brasileiro até 1975, o chamado curso ou ensino ginásial correspondia ao estágio educacional que se seguia ao ensino primário que antecedia o ensino colegial, que correspondia aos anos finais do atual ensino fundamental.

práxis pedagógica continuam sendo discutidos em inúmeros artigos científicos, livros, dissertações e teses acadêmicas.

Suas ideias atravessaram o tempo e cada vez mais, se confirmam como importantes para a educação e a sociedade, sobretudo no período pós-pandêmico de retorno as aulas presenciais. Quando foi possível perceber a necessidade de alfabetização dos alunos que já deveriam estar alfabetizados, mas que devido as aulas remotas não se alfabetizaram e acabaram avançando automaticamente para outras etapas.

Ele criou e colocou em prática uma teoria da educação que vai muito além da educação escolar formal, ele defendia a formação do ser humano. Concebeu uma educação que desenvolvesse na pessoa que aprende, algo mais do que apenas algumas habilidades instrumentais, como saber ler e escrever palavras.

Ao propor uma educação libertadora, como ele a batizou, pensou o trabalho pedagógico com um profundo sentido humano. Uma prática pedagógica de ensinar-e-aprender destinado a desenvolver em cada educando uma mente reflexiva, uma amorosa sensibilidade, um crítico senso ético e uma criativa vontade de participação do educando na transformação de seu mundo.

As reminiscências da sua infância, estão registradas em seu livro: *À sombra desta mangueira* (2015), onde ele descreve sua casa, conta-nos sobre a profissão de seus pais e o início da sua alfabetização, em casa com sua mãe e sobre suas primeiras experiências no ambiente escolar. Sua relação com o quintal, com as árvores e a natureza era muito forte e continuou mesmo depois de adulto.

O começo da sua carreira, por volta de 1943, enfrentou dificuldades, mas sempre destacou sua paixão pela língua portuguesa, que acabou motivando-o para a carreira de professor. Apesar da sua formação em Direito, optou pela docência na sala de aula. Trabalhou dezessete anos, na capital pernambucana no SESI, onde começou a desenvolver sua pedagogia centrada no respeito, no diálogo e na participação.

Paulo Freire e sua equipe composta para o trabalho de alfabetização, adotaram um programa de vivências e de trabalho que os acompanharia por toda uma vida. Em que consistia essa proposta? Na integração entre uma exigente e contínua busca de conhecimentos, articulada a um persistente estudo nunca limitado apenas ao campo da educação e uma prática pedagógica ousada e inovadora, colocada a serviço do povo.

Todo o estudo de teorias pedagógicas desaguava em experiências de educação. Todas as experiências partiam de um contínuo esforço de leitura crítica da realidade social. Todas as “leituras da realidade” deveriam ser vividas em meio a uma

participação tão estreita quanto possível na vida cotidiana dos educandos do povo (Brandão, 2005, p.35)

Observa-se como a educação é política e relacionada diretamente às questões sociais. Paulo Freire optou pelo socialismo humanista como corrente de pensamento e prática de vida. O socialismo humanista deriva do marxismo e tem como fundamento a práxis enquanto reflexão entre teoria e prática objetivando transformação do homem e da sociedade.

Durante a sua vida, Freire participou dos movimentos sociais e frentes populares de lutas no Brasil, foi um dos criadores do Movimento de Cultura Popular onde desenvolveu suas primeiras experiências de educação popular.

Diversas frentes de lutas buscavam criar novas alternativas para as causas populares. Elas estiveram inicialmente centradas em movimentos de trabalhadores rurais e urbanos, como as ligas camponesas e os sindicatos. Anos mais tarde, distribuíram-se também entre outros vários movimentos sociais, como os dos povos indígenas, dos negros, das lutas pelos direitos das mulheres e das outras várias minorias esquecidas e maiorias silenciadas. (Brandão, 2005, p.44)

Ele e outros educadores e artistas fundaram o Movimento de Cultura Popular no Recife. Em 1963, aconteceu o primeiro *Encontro Nacional de Cultura Popular*. Freire foi indicado pelo governador Miguel Arraes como um dos “conselheiros pioneiros” do Conselho Estadual de Educação de Pernambuco.

Dentre as diversas pedagogias e teorias pedagógicas que surgiram na época a educação libertadora se destaca das outras, “pois ela se voltava a uma vivência do ensinar-e-aprender a partir de uma integração entre a dimensão cultural do trabalho do educador, a sua vocação social e a sua responsabilidade política” (Brandão, 2005, p.45.)

Desenvolveu um método de alfabetização diferenciado e contextualizado com os adultos, pois acreditava que deveria ter uma abordagem didática diferente da alfabetização de crianças. Seu método foi apresentado em um Seminário Regional realizado no Recife em 1958. Apresentou seu primeiro trabalho sobre a Educação no Brasil no ano de 1959, intitulado: *Educação e atualidade brasileira*, quando concorreu à cadeira de História e Filosofia da Educação junto à Escola de Belas Artes do Recife.

Foi convidado pelo Governador do Rio Grande do Norte, no início da década de 1960, para aplicar seu método de alfabetização no sertão, na pequena cidade de Angicos. Com o chamado círculo de cultura, Freire modificou a organização dos estudantes e do professor, que geralmente seguia o padrão dos alunos em fileiras e o professor na frente como quem detinha

o saber e depositava nos estudantes. Criou o formato de roda, onde todos poderiam se enxergarem e contribuir na construção do conhecimento. Todos ensinam e aprendem.

Em 1964, ocorreu o golpe militar e o Programa Nacional de Alfabetização foi interrompido pelo regime, devido às ideias revolucionárias e propostas de um ensino emancipatório. Neste mesmo ano foi exilado e só retornou ao Brasil em 1980. Passou pela Bolívia, mas foi no Chile onde conseguiu realizar um dos seus desejos em conseguir concluir um programa de educação popular. Porém, em 1973, o Chile também sofreu um golpe militar e mais uma vez ele foi exilado indo com sua família para os Estados Unidos onde deu aula em Harvard, em seguida mudou-se para Genebra na Suíça, onde trabalhou no setor da educação do Conselho Mundial de Igrejas, uma instituição de confissões religiosas que, “entre outras atividades, protegia perseguidos políticos. Ora, essa longa experiência de estudos, de diálogos e de trabalhos abarcou todo o seu tempo de exílio, de 1969 até o seu retorno ao Brasil em 1980” (Brandão, 2005, p. 71).

Também fez um trabalho no continente africano e construiu um diálogo com educadores de Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Angola. Levou o seu método de alfabetização e sua pedagogia para contribuir nos processos de emancipação e liberdade. Voltou definitivamente ao Brasil, em 1980, para ser professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Também foi nomeado professor da Universidade Estadual de Campinas. Em 1989 tomou posse do cargo de secretário de Educação do Município de São Paulo onde aceitou o convite de Luiza Erundina de Souza, prefeita eleita pelo Partido dos Trabalhadores. Como secretário criou o Movimento de Alfabetização-MOVA que alcançou as periferias da capital paulista influenciando todo o Brasil.

Em todo o país surgiram diversos movimentos pela alfabetização constituindo assim uma Rede MOVA BRASIL. Em 2005, participou no V Encontro Nacional da Rede MOVA BRASIL em Luziânia. Paulo Freire não influenciou somente a alfabetização, influenciou a educação do Brasil e do mundo com suas pedagogias e foco na emancipação do estudante.

Perdeu sua primeira esposa em 1986, a professora Elza, sua companheira por 42 anos, interlocutora das suas ideias pedagógicas. Em 1988, Freire se casou com Ana Maria Araújo Hasche, ambos se conheceram na infância e eram amigos. Ele foi seu professor e orientador na PUC-SP. Viveram juntos durante quase 10 anos, Freire falecera com setenta e cinco anos, em 02 de maio de 1997, deixando um grande legado com seus livros, propostas pedagógicas e história de vida que inspiraram várias gerações em todo o mundo.

Foi laureado com o título de patrono da educação brasileira, seu legado está presente em diversas escolas e universidades mundo afora. É difícil falarmos em alfabetização e ensino

de jovens e adultos sem falar no método e nas concepções de Freire. Suas ideias influenciam diversos professores, autores e pesquisadores da área de educação e das humanidades.

Tem sido atacado na última década, sobretudo durante a gestão do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, mais recentemente, seu filho Eduardo Bolsonaro, comparou professores a traficantes dizendo que os professores doutrinadores chegam a ser piores que os traficantes, porque causam discórdia na relação familiar e na sociedade.

3 A EDUCAÇÃO COMO MUDANÇA

Na obra *Educação e Mudança* (1979) encontramos quatro pequenos ensaios (*O compromisso do profissional com a sociedade; A educação e o processo de mudança social; O papel do trabalhador social no processo de mudança e Alfabetização de adultos e conscientização*), publicados no Brasil, após o retorno do educador brasileiro do exílio. Nos quais, Freire aborda temas da educação e suas articulações e desafios ligados às transformações sociais necessárias, em um país que lutava pela retomada das liberdades democráticas, após 15 anos de ditadura militar.

Nos dois primeiros ensaios, a palavra compromisso está relacionada com o comprometimento e o engajamento do profissional da educação com o seu trabalho e com a sociedade. Só há compromisso se o educador estiver disposto a cumprir suas obrigações, do contrário não passa de deveres não cumpridos.

Freire, parte de uma abstração ontológica sobre o ser que é capaz de se comprometer de modo poético e filosófico fazendo relações com a consciência, distância e realidade. O Ser humano, segundo ele, vai além de poder comprometer-se, já é um compromisso. Todavia, nem todo homem, nem toda mulher e nem toda pessoa, quer se comprometer, sobretudo pelo fato de que para isso, é necessário atuar e refletir sobre o seu contexto, o seu mundo. Para tanto, a transformação do mundo se dá a partir da ação e da reflexão de cada um e coletivamente.

Defende que os seres humanos são seres de compromisso, mas, que são impedidos muitas vezes, pelos contextos de suas experiências de vida, que, limitando sua capacidade de atuar e refletir. Daí a necessária da humanização das pessoas, para que possam humanizar a sociedade.

Nessa perspectiva, outra questão importante se relaciona a impossibilidade de neutralidade. Algo que tem se discutido e até satirizado atualmente com frases como “neutro

só o sabão”. Pois o ser humano é um ser político, um ser de práxis e sempre tem uma opinião sobre algo. O que impede de externar a sua opinião é o medo se comprometer e o compromisso consigo mesmo ou com os grupos aos quais pertence.

Pois bem, se nos interessa analisar o compromisso do profissional com a sociedade, teremos que reconhecer que ele, antes de ser profissional, é homem. Deve ser comprometido por si mesmo. Como homem, que não pode estar fora de um contexto histórico-social em cujas inter-relações constrói seu eu, é um ser autenticamente comprometido, falsamente “comprometido” ou impedido de se comprometer verdadeiramente (Freire, 1979, p.9).

Para além do compromisso enquanto “homem” o educador ao se fazer profissional se compromete mais uma vez e de modo específico, com aquilo que ele se especializou e se comprometeu a fazer. Ao assumir uma profissão, o professor possui deveres que como o nome diz “deve” cumprir. Mas isso, não o isenta do compromisso como homem.

Este compromisso não deve anular ou isentar o outro. Quanto mais eu me comprometo como profissional eu devo exercer a solidariedade para com a sociedade exercendo assim o meu compromisso como ser humano. Temos o hábito de dicotomizar as coisas quando na verdade elas estão imbricadas. A qualificação e a sistematização das experiências do profissional e a sua atuação no seu campo de trabalho, aumenta ainda mais o seu compromisso enquanto ser humano. Segundo Freire,

Não devo julgar-me, como profissional, “habitante” de um mundo estranho; mundo de técnicos e especialistas salvadores dos demais, donos da verdade, proprietários do saber, que devem ser doados aos “ignorantes e incapazes”. Habitantes de um gueto, de onde saio messianicamente para salvar os “perdidos”, que estão fora. Se procedo assim, não me comprometo verdadeiramente como profissional nem como homem. Simplesmente me alieno (Freire, 1979, p.10).

A profissionalização não nos faz melhores e nem superiores as outras pessoas. Capacita-nos para atuar de uma forma específica para contribuir para com a sociedade, é possível perceber em diversos setores de trabalho, uma postura de afastamento e desumanização do profissional. Que se sente como se estivesse acima daqueles para quem está prestando seus serviços.

Freire nos faz refletir que tais atitudes são reflexos de falta de comprometimento como profissional e como pessoa para com a sociedade. A postura do profissional precisa ser de alguém que está para servir através do seu saber.

Isso ocorre, também na área da saúde, quando os profissionais não olham e não escutam o paciente com a devida atenção. Simplesmente, de maneira automática fazem

diagnósticos, aplicam medicamentos e nos cortam, como se não tivéssemos uma vida, como se não tivéssemos sentimentos e até mesmo humanidade.

No campo da educação, por mais que se defenda uma educação mediadora, construtiva, circular e dialógica, a maioria dos professores, ainda possuem uma didática centrada em si, como se fossem os professores, os detentores do conhecimento, portadores da luz que tem a função de iluminar os caminhos dos alunos que vivem nas trevas. A palavra aluno, originária do latim, quer dizer sem luz. Por esse motivo, por muito tempo a visão que tínhamos sobre os alunos era que eles precisavam de luz, de conhecimentos.

A educação, por muito tempo, foi bancária e tecnicista. De maneira que não se ensinava a pensar, a refletir e sim a reproduzir aquilo que o professor tinha como verdade. Como prática era exercida de maneira vertical como se os alunos estivessem abaixo do professor e não tivesse nenhum conhecimento ou experiência importante para compartilhar.

O compromisso do profissional com a sociedade, encontra-se vinculada com o seu compromisso como ser humano em suas relações com a sociedade. Não deve ser alienada, nem como indivíduo e nem como profissional, pois é necessário percebermos as implicações do fazer educativo no mundo, como contribuir para a sua transformação através da nossa práxis.

Freire (1989, p.26) nos alerta que o trabalhador social não pode ser um homem neutro frente ao mundo, um homem neutro frente a humanização ou desumanização. Fazendo-se necessário um posicionamento político, social e crítico diante dos fatos e eventos sociais.

4 O EDUCADOR COMO TRABALHADOR E A ALFABETIZAÇÃO NO PROCESSO DE MUDANÇA

Nos dois últimos textos, Freire aborda o tema do educador como trabalhador e a alfabetização de adultos no processo de mudança e transformação social, uma reflexão que nos convoca a analisar os sentidos das palavras, não como embalagens, mas, como artefato portador de significados, que veiculam ideias. Uma frase tem sempre uma intenção, não é uma junção de palavras selecionadas de modo poético ou musical. A frase foi elaborada dentro de um pensamento e de uma proposição desafiadora.

Ao iniciar o texto com uma análise da frase que intitula o capítulo e das palavras que compõem a frase, Freire nos alerta sobre a necessidade da contextualização e analisarmos tanto o todo quanto as partes.

Usar a palavra papel ao invés de função é dar autonomia, capacidade criadora e de desenvolvimento que o trabalhador possui. Da mesma forma, poderia colocar apenas o termo trabalhador, mas a palavra social trouxe a conotação de implicação e contribuição que os trabalhadores tem direta e indiretamente com a sociedade. Para Freire “ o papel do trabalhador social se dá no processo de mudança”(p.24).

A palavra processo está ligada a ideia de caminho, percurso, desenvolvimento gradativo, método e técnica. O processo não é algo instantâneo, precisa de tempo e de estratégias. Precisa de orientação e finalidade. Na frase o processo está ligado a mudança, o que nos faz entender que a mudança também precisa de tempo e que ambos caminham juntos.

A mudança está ligada com a estabilidade e ambas fazem parte da estrutura social. Não há estrutura social somente estática e não há estrutura social que mude constantemente. Porque precisamos de bases para nos orientar durante certo tempo. Existe um jogo dialético da mudança-estabilidade. Por esse motivo somos resistentes a mudanças e transformações.

Assim como o ser humano, o trabalhador social é um ser de relações e dessa forma só pode se entender ou explicar a si mesmo dentro dessa perspectiva. Sua realidade está atrelada a outros trabalhadores sociais e seres humanos que precisam conhecer a realidade para poder mudá-la.

Este conhecimento, sem dúvida, não pode reduzir-se ao nível de pura opinião (doxa) sobre a realidade. Faz-se necessário que a área da simples doxa alcance o logos (saber) e, assim, canalize para a percepção do ontos (essência da realidade). Este movimento da pura doxa ao logos não se faz, contudo, com um esforço estritamente intelectualista, mas na indivisibilidade da reflexão e da ação da práxis humana. (Freire, 1979, p.26)

O conhecimento sobre a realidade precisa ultrapassar a opinião, é necessário que esse conhecimento seja fundamentado em saberes que nos façam perceber a realidade. Não basta teorizar, é necessário refletir e agir de acordo com o que almejamos. Ao refletir sobre a realidade, o trabalhador social perceberá se o que está se destacando é a mudança ou estabilidade na realidade social onde ele está inserido.

Além disso, é preciso saber quem se interessa pela mudança ou estabilidade, bem como quem determina a mudança ou estabilidade na sociedade. Porque a estrutura social é forjada por homens assim como a mudança também deve ser forjada por homens. O que sugere que são os homens os sujeitos de transformação e não meros objetos. Porém, para que isso aconteça, será necessário se construir uma consciência crítica da sua realidade.

O trabalhador social, ao ser consciente da realidade, não pode assumir uma posição

neutra porque precisa assumir a sua posição e opção de aderir a mudança em busca da humanização, desenvolvimento da sociedade e combate aos problemas sociais ou fica a favor da permanência.

No momento em que os indivíduos, atuando e refletindo, são capazes de perceber o condicionamento de sua percepção pela estrutura em que se encontram, sua percepção muda, embora isso não signifique, ainda, a mudança da estrutura. Mas a mudança da percepção da realidade, que antes era vista como algo imutável, significa para os indivíduos vê-la como realmente é: uma realidade histórico-cultural, humana, criada pelos homens e que pode ser transformada por eles (Freire, 1979, p. 27).

Antes da mudança está a percepção da realidade e do condicionamento produzido para a manutenção da estabilidade e de sistemas de controle e desigualdades. A percepção não é a mudança, mas gera o desejo de mudança, que gera esperança e que pode contaminar outros trabalhadores sociais capazes de produzir mudanças na sociedade.

Segundo freire não ocorre mudança da mudança nem pode haver estabilidade da estabilidade, mas ocorre a mudança e a estabilidade de algo. Porque não há estrutura social que não seja humana, histórica, política, cultural e social. Por esse motivo, tanto a estabilidade quanto a mudança de / em uma estrutura implicam a presença dos homens.

Ao se reconhecer como produtor de realidade, como cidadão e como um dos agentes de transformação, o trabalhador social descobre seu potencial criador e recriador da realidade movido pela esperança crítica e racional.

Ao optar pela mudança o trabalhador social adere à mudança da estrutura social porque reconhece que não pode ser trabalhador social se não for pessoa e que a condição para ser pessoa é que os demais também o sejam. Não basta ser consciente e livre, é preciso buscar a liberdade dos meus semelhantes para que juntos possamos mudar a realidade.

Freire abre seu último texto, *Alfabetização de adultos e conscientização* com uma frase afirmativa e categórica de que “nenhuma ação educativa pode prescindir de uma reflexão sobre o homem e de uma análise sobre suas condições culturais.” (1983, p. 61) Assim como no capítulo anterior poderia ficar um tempo depurando as palavras dessa frase e o contexto que as atravessa e as unem.

Segundo Freire (1983), o homem é um ser social, que faz parte de um certo contexto e de uma temporalidade, deve ser co-criador da sua realidade e por esse motivo deve ser sujeito e não objeto. Assim não pode ser espectador ou produto do meio, mas sim intervir na sua realidade social. Existe uma diferença entre o homem e os outros animais, o homem tem a capacidade de se relacionar com o passado, presente e o futuro. O homem tem a capacidade

de transformar a sua realidade, de produzir cultura.

Ao longo da evolução da humanidade, dos avanços tecnológicos, a globalização e o capitalismo a massificação, alienação e desumanização do homem foi aumentando gradativamente. O homem foi perdendo o seu papel criador e se tornando criatura, de sujeito para objeto, de pensador para reproduzidor de ideias. A partir dessa realidade é necessário a consciência crítica e a volta dos potenciais inerentes ao homem.

Freire afirma que a posição normal do homem não era só de estar na realidade, mas estar com ela. Em seguida fala que a diferença entre a relação sujeito-objeto do analfabeto com a nossa é que a primeira se dá pela sensibilidade a nossa pela crítica e reflexiva.

Enquanto educadores, temos o papel de ajudar o homem a sair do campo apenas do sensível e do senso comum, para um aprofundamento e complexidade de conhecimento, reflexão e crítica da realidade. Fazendo com que o mesmo assuma o seu papel de sujeito. Isso através do diálogo da relação de afeto.

Precisávamos de uma pedagogia da comunicação com a qual pudéssemos vencer o desamor do antidiálogo. Lamentavelmente, por uma série de razões, esta postura — a do antidiálogo — vem sendo a mais comum na América Latina. Educação que mata o poder criador não só do educando, mas também do educador, na medida em que este se transforma em alguém que impõe ou, na melhor das hipóteses, num doador de “fórmulas” e “comunicados”, recebidos passivamente pelos seus alunos. (Freire, 1979, p.40)

Esse diálogo deve ser iniciado pela cultura do sujeito, pela sua realidade, seu entorno, sua visão de mundo. De maneira pedagógica fazer com que o sujeito entenda as diferenças entre natureza e cultura. Para a partir dessa compreensão ser alfabetizado. A alfabetização vai além do domínio da leitura e da escrita. Perpassa pela autonomia e agência do analfabeto para com o seu processo de alfabetização.

Por esse motivo não deve ocorrer de cima para baixo ou de fora para dentro e sim de dentro para fora. O professor assume o papel de mediador nesse processo em que o aluno é o protagonista.

Um exemplo disso são os círculos de cultura promovidos por Paulo Freire em que alfabetizava jovens e adultos de maneira em que eles eram protagonistas do processo. As palavras faziam parte da sua realidade e cada pessoa era vista como dotada de algum saber.

As palavras geradoras foram de suma importância para provocar o processo de alfabetização a partir do universo vocabular e contexto dos educandos. Palavras comuns e que faziam parte do cotidiano deles. Que possuem significados para além do dicionário, são carregadas de imagens, memórias e sentimentos.

Após a seleção das palavras geradoras são criadas situações pintadas ou fotografadas para colocar as palavras geradoras em ordem crescente de dificuldades fonéticas. Uma palavra geradora pode estar relacionada com toda uma situação ou apenas se referir a um dos sujeitos da situação.

Após a preparação do material para o Círculo de Cultura eram elaboradas fichas auxiliares para o trabalho dos coordenadores de debates. As fichas constituem sugestões para os educadores e não eram como uma cartilha ou rígidas para serem obedecidas.

Depois de colocada a situação-problema diante dos educandos, com o auxílio do coordenador era feita a análise. Após a análise o educador se volta à visualização da palavra geradora. A palavra visualização é importante porque não se trata de memorização mecânica. Em seguida, a palavra surge separadas, em pedaços para visualizar as famílias fonéticas.

Para Freire, a grande dificuldade que surge se baseia na preparação dos quadros de coordenadores e supervisores. Pois, era e ainda é necessário, uma outra atitude. Uma atitude baseada no diálogo e em entender a educação como um processo de construção com o outro.

Ao final deste capítulo, Freire mostra os resultados obtidos pelos círculos cultura que entre um mês e meio e dois meses, funcionando de segunda a sexta-feira (cerca de uma hora e meia), conseguia alfabetizar de 25 a 30 homens e mulheres. Mostrando que é possível uma educação emancipadora e libertadora com baixo custo para o Governo.

Tudo isso dentro da perspectiva da autonomia e conscientização do sujeito. Criado para ser livre e desenvolver-se na coletividade. Precisamos entender que o homem deve ser o sujeito da sua própria educação. Não pode ser objeto dela.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Freire trás desde o começo do seu livro o estímulo no dialogo, amparando que isso deveria ser tema da educação que ele tanto defendia. Ele afirma que antes de alfabetizar o adulto é necessário humanizá-lo. Antes de tudo uma conversa entre o educador e o analfabeto sobre suas vivencias ajudará bastante a convivência. Aqui em nosso país ainda temos muito que progredir em relação à educação como um todo, é o argumento tratado em “Educação e Mudança”, mais Freire relata também que em pouco tempo muitos brasileiros que eram objetos, hoje são sujeitos alfabetizados mais precisamos fazer mais pela educação, uma educação de qualidade e que seja para todos.

Para o autor, somos seres inacabados buscando a nossa “completude” que pode talvez, nunca ser alcançada, então a relação do homem com a educação é algo que acontece desde o nascimento até a sua morte, dentro e fora da escola.

Aprendi com Freire, que não existe saber mais e saber menos, existem saberes diferentes. Precisamos nos dispor a aprender uns com os outros, por meio do diálogo permanente buscando sermos mais em um mundo melhor. Pois, o mundo não é, ele está sendo. A educação freiriana nos ensina que devemos ir além da leitura da palavra, é preciso fazer com que alunos e professores entendam os contextos sociais, econômicos, políticos e culturais em que estão inseridos. Suas ideias nos provocam a praticar uma educação libertadora, visando a formação de sujeitos autônomos, críticos e engajados na transformação do seu mundo.

A educação é a maior e melhor ferramenta de múltiplos talentos de mudança, através dela conseguimos nos compreender e compreender o mundo em que vivemos, dessa forma, a educação deve acompanhar o desenvolvimento e especificidades da sociedade.

Assim devemos olhar para a mudança como uma busca pelas vivências e saberes para que a sociedade compreenda o seu lado social.

O professor tem um papel fundamental na formação com qualidade das novas gerações, a nossa sociedade confia ao professor a tarefa de educar pessoas que possam desenvolver competências e transformar seres melhores para a sociedade.

Não existe educação fora das sociedades humanas e não existem homens isolados. O homem é um ser capaz de descobrir, de discernir, de separar trajetórias existenciais diferentes, de distinguir o certo e o errado. Se a disposição ontológica do homem é a de ser sujeito e não objeto, só poderá crescer no processo de trocas, de alfabetização. A educação deve estabelecer uma relação lógica com toda sociedade à qual se destina.

A educação precisa de amor e de respeito aos saberes que cada estudante possui. Não pode educar com imposições e desqualificação ou anulação dos conhecimentos prévios daqueles que são responsáveis pela sua educação. Não podemos ser educadores egoístas ou palestrantes em grandes monólogos que distanciam aqueles que estão em busca de aprender mais.

Nessa busca, é fundamental a esperança, esperança dos professores no aprendizado e futuro dos estudantes, e esperança dos estudantes para com a sua trajetória de educação e construção do seu futuro. Esperançar se torna então a mola propulsora para ambos estarem em sala de aula de uma forma lúdica e agradável. A aula não pode ser algo pesado e enfadonho.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Paulo Freire, educar para transformar: fotobiografia*. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. *A sombra da mangueira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.